

Assuntos Estratégicos – O incomum Mangabeira Unger :: (Jornal O Tempo, 12.07.2015)

Ministro viaja pelo país para ouvir demandas, mas seu jeitão causa muita estranheza

BELÉM. Alguns políticos brasileiros evitam perguntas sobre o tamanho de suas aspirações, insistindo que não têm planos, por exemplo, de concorrer à Prefeitura de São Paulo, buscar um posto em um ministério influente ou exercer o poder de algum poleiro cobiçado na enorme máquina estatal brasileira.

Mas também existe Roberto Mangabeira Unger, filósofo de Harvard, que já teve o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, entre seus alunos. Pouco afeito a tagarelices, Unger é conhecido por citar Hegel e Thomas Jefferson.

Quando perguntado se esperava virar presidente do Brasil, Unger respondeu com uma risada: “Sempre tive mais ambições do que isso”.

Usando óculos, relógio de bolso e quase sempre de terno, gravata e abotoadura – até mesmo quando viaja a pontos distantes da floresta tropical do Amazonas –, Unger é uma figura singular no cenário político brasileiro.

Conhecido nos Estados Unidos pelo livro “O Futuro do Progressismo Americano”, escrito em 1998 com Cornel West, Unger já se arriscou sem sucesso na política eleitoral do Brasil, mas recentemente se acomodou numa carreira de figura pública nomeada.

Em fevereiro, a presidente Dilma Rousseff o designou para o posto de ministro de Assuntos Estratégicos, encarregado de fomentar o pensamento em longo prazo sobre o Brasil, tirando-o da Faculdade de Direito de Harvard (EUA), onde era professor desde a década de 1970. Durante entrevista a bordo do jato da Força Aérea Brasileira (FAB) que ele usa para viajar pelo país, Unger explicou que via seu papel como uma espécie de provocador intelectual. “Tenho de criar tensão com o governo e agitar do lado de fora”, ele disse.

Comunicação. O ministro reconhece não saber lidar com as pessoas comuns. Por exemplo, em 1990, ele disputou uma vaga de deputado federal pelo PDT do Rio de Janeiro baseado numa plataforma para melhorar a vida nas favelas. Após ser derrotado, ele descobriu que a maioria do seu apoio vinha de áreas da classe média, onde não se deu ao trabalho de fazer campanha.

Ele sofre com uma espécie de barreira idiomática, falando um português rebuscado com forte sotaque norte-americano e se dirigindo formalmente aos moradores de locais remotos na selva amazônica como “meus concidadãos”. “Não entendo o que ele fala”, disse Miguela Freitas, 32,

estudante do magistério em Melgaço, cidade isolada na Amazônia, onde Unger e sua trupe fizeram uma visita-relâmpago ao enorme Estado do Pará, em junho.

“Ele é muito sério, parece um padre falando no púlpito”, ela disse, olhando para Mangabeira Unger enquanto o ministro falava.

Uma pessoa como ele pode esperar não chegar muito longe numa cultura política onde os insurgentes hoje em dia costumam ser – sem brincadeira – palhaços expressando aversão com o sistema ou libertários disfarçados de super-heróis.

Unger, no entanto, esquerdista declarado, desfruta sua própria onda, navegando pelas entranhas do poder na capital, Brasília, com a graça de um elefante numa loja de cristais.

Anarquista. Sua filosofia radical, cultivada em mais de 15 livros, envolve pedidos para tumultuar as instituições existentes para evitar o que ele descreve como a “esterilização” do potencial humano, a crença de que a redenção é conquistada por meio da autotransformação e ideias sobre conceber o Brasil como “uma grande anarquia criativa”.

A polêmica circulou ao redor de Unger quando ele foi ministro da mesma pasta entre 2007 e 2009, durante o governo do ex-presidente Lula. Na época, Unger conseguiu o posto mesmo tendo chamado publicamente o governo Lula de o “mais corrupto da história nacional”.

Também à época, ele foi criticado por apoiar a escalada da capacidade de defesa do Brasil e pedir a reforma do desenvolvimento amazônico. Mangabeira Unger se prepara para um começo semelhante desde que voltou neste ano de Harvard.

Climatologistas brasileiros temem que o ministro esteja tentando reduzir sua influência. Sem qualquer diplomacia, ele questionou por que o Ministério das Relações Exteriores é chefiado por um diplomata de carreira. E convocou uma rebelião contra as medidas vigentes de patentes e propriedade intelectuais.

História dos Estados Unidos na ponta da língua

Belém. Poucos políticos brasileiros conhecem os Estados Unidos tão bem quanto Mangabeira Unger. Num instante, ele cita o papel do presidente Andrew Jackson na democratização da economia de mercado nos Estados Unidos anterior à Guerra de Secessão e, no momento seguinte, debate como Theodore Roosevelt, o presidente norte-americano que quase morreu explorando um afluente do rio Amazonas, via no Brasil uma variante do espírito americano.

“Filósofos são déspotas sem exércitos à mão”, disse Unger, citando uma frase de “O Homem sem Qualidades”, romance do escritor austríaco Robert Musil.

O ministro diz que sua incursão na política “roubou meu escudo”, afirmando ainda que é mais fácil mudar um país do que uma pessoa.

“Os filósofos devem evitar a tentação de seguir o exemplo de Platão e tentar influenciar sussurrando nos ouvidos dos poderosos”, ressaltou Unger.

Contradições

“Sempre tive mais ambições do que isso.”

Mangabeira Unger, sobre possível desejo de ser presidente do Brasil

“Mais corrupto da história nacional.”

Do mesmo Unger, sobre o governo Lula, do qual depois foi ministro